

CRIATIVIDADE HUMANA E INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA GLOBAL

*HUMAN CREATIVITY AND MULTIPLE INTELLIGENCES IN THE CONSTRUCTION OF GLOBAL
CITIZENSHIP*

*CREATIVIDAD HUMANA E INTELIGENCIAS MÚLTIPLES EN LA CONSTRUCCIÓN DE
CIUDADANÍA GLOBAL*

Carlos Eduardo Stante Gomes
E-mail: kadueduka@hotmail.com

Gabriela Cristina Basso Engler Marques
E-mail: gabriela_engler@hotmail.com

Martha Maria Prata Linhares
E-mail: martha.prata@gmail.com

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

RESUMO

O presente trabalho traz um debate entre uma abordagem meramente conteudista no contexto da sala de aula e o desenvolvimento de uma aprendizagem criativa e cidadã. O tema traz à tona reflexões sobre uma educação que se torna no Brasil “servilizada” ao capital, olvidando-se de aspectos peculiares do processo cognitivo dos alunos. Trata-se de uma revisão de literatura que aborda temáticas como criatividade e inteligências múltiplas na sala de aula. Faz-se, assim, uma reflexão acerca sentido do que se ensina e como se ensina na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Criatividade. Inteligências Múltiplas.

ABSTRACT

The present paper brings a debate between a merely content approach in the classroom context and the development of creative learning and commitment to its surroundings. The theme reflects on an education that in Brazil becomes "servile" to capital, forgetting peculiar aspects of the student's cognitive process. This is a literature review that addresses topics such as creativity and multiple intelligences in the classroom. Thus, a reflection is made about the meaning of what is taught and how it is taught at school.

KEYWORDS: Learning, Creativity, Multiple Intelligences.

RESUMEN

El presente trabajo plantea un debate entre un enfoque meramente de contenido en el contexto del aula y el desarrollo de un aprendizaje creativo y ciudadano. El tema trae reflexiones sobre una educación que en Brasil se vuelve "servil" al capital, olvidando aspectos peculiares del proceso cognitivo de los alumnos. Esta es una revisión bibliográfica que aborda temas como la creatividad y las inteligencias múltiples en el aula. Así, se hace una reflexión sobre el verdadero significado de lo que se enseña y cómo se enseña en la escuela.

PALABRAS CLAVE: Aprendizaje. Creatividad. Inteligencias Múltiples.

INTRODUÇÃO

Esta temática nasceu mediante a prática docente de um dos autores no Ensino Médio e algumas inquietações geradas por conta da metodologia de ensino frequentemente utilizada neste segmento. A relevância do tema é justificada pela necessidade de um debate entre uma abordagem meramente conteudista e o desenvolvimento de uma abordagem criativa na sala de aula que esteja voltada para a construção de uma cidadania global.

O trabalho debate uma educação no Brasil que na prática se torna servilizada ao capital - ou até mesmo se perde em quais seriam seus objetivos e ideais, tal o abismo que se estabelece entre o que se ensina, como se ensina e para que se ensina. Assim, uma das inquietações que move este trabalho é: qual o objetivo daquilo que se aprende na escola, em especial no Ensino Médio? Como fornecer as bases científicas das diversas áreas do conhecimento para que o aluno possa neste momento, e no Ensino Superior, “ler” o mundo em que vive e atuar em seu entorno, seja através da pesquisa, seja através de sua atuação cidadã?

Percebemos a necessidade de uma reflexão acerca do verdadeiro papel da educação formal brasileira na formação de sujeitos comprometidos com sua realidade, que buscam frequentemente soluções e alternativas para solucionar as diversas questões que envolvem a vida em sociedade. Ao discutirmos essas temáticas, propusemos o estudo da criatividade e das inteligências múltiplas como rotas de acesso no processo de ensino-aprendizagem.

Desta maneira, abordamos concepções como “criatividade” e as noções de inteligência tendo em vista a construção de uma atuação cidadã e que dá soluções para o entorno. Trazemos uma consideração acerca da educação transmissora de conceitos prontos e pré-definidos que não dá margem para características cognitivas peculiares de cada aluno, ressaltando o conceito de especialização cerebral.

REFERENCIAL TEÓRICO

O dicionário Michaelis (2019)¹ define criatividade como “qualidade ou estado de ser criativo”; “capacidade de criar ou inventar; engenho, engenhosidade, inventiva”. Percebemos a criatividade como uma característica humana de valor universal. Desde a pré-história, foi a capacidade de criação que permitiu a sobrevivência e a perpetuação da espécie. Tida por séculos

¹ Consulta feita à versão eletrônica desse dicionário, disponível em <http://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em 5 de setembro de 2019.

como um “dom” ou “herança biológica” exclusiva de poucos, pensamos que a criatividade está presente em todos os seres humanos como mola propulsora da inteligência humana (ANTUNES, 2003, p. 8).

Compartilhamos com Rodari a seguinte definição de criatividade, que se liga a uma atitude de inquietação e inconformismo, uma atitude de busca de soluções:

[...] sinônimo de “pensamento divergente”, isto é, de capacidade de romper continuamente os esquemas da experiência. É “criativa” uma mente que trabalha, que sempre faz perguntas, que descobre problemas onde os outros encontram respostas satisfatórias (na comodidade das situações onde se deve farejar o perigo), que é capaz de juízos autônomos e independentes (do pai, do professor e da sociedade), que recusa o codificado, que remanuseia objetos e conceitos sem se deixar inibir pelo conformismo (RODARI, 1989, p. 164).

Os estudos sobre a neurobiologia da criatividade nos trazem que ela se manifesta no hemisfério cerebral direito. Trata-se do hemisfério intuitivo, que percebe mais imagens do que palavras, utiliza contextos na sua interpretação, percebe o corporal, o espacial, o emocional (GOMÉZ Y TERÁN, 2009, p. 74). Edward de Bono (1997) concebe a ideia de “pensamento lateral” para designar tal especialidade. O pensamento lateral é aquele que nos leva a pensar em “novos caminhos”, novas alternativas que usam a imaginação, saindo do que é de costume fazer; enfim, nas palavras do autor, que busquem “alternativas insondáveis” (ANTUNES, 2003, p. 24).

A especialização cerebral de um aluno está intimamente ligada ao seu estilo de aprendizagem. No quadro a seguir, Antunes (2001) elenca as principais diferenças na forma como esses hemisférios processam as informações, transformando-as em conhecimento:

QUADRO 1 - Especialidade cerebral

HEMISFÉRIO ESQUERDO		HEMISFÉRIO DIREITO	
Função	Modalidade	Função	Modalidade
<i>Verbal</i>	Seleciona palavras para descrever e definir.	<i>Não verbal</i>	Percebe as coisas através de imagens.
<i>Simbólica</i>	Usa símbolos para representar.	<i>Concreta</i>	Concebe as coisas em sua integralidade.
<i>Analítica</i>	Desenvolve a habilidade passo a passo.	<i>Sintética</i>	Agrupa informações e forma um todo.
<i>Abstrata</i>	Seleciona a pequena parte da informação para representar o todo.	<i>Analógica</i>	Compreende relações e percebe semelhanças.
<i>Temporal</i>	Marca o tempo e a sequência.	<i>Não temporal</i>	Não possui sensação de tempo.
<i>Racional</i>	Busca razão nos fatos.	<i>Não racional</i>	Não forma julgamentos ou opiniões seletivas.
<i>Lógica</i>	Extrai conclusões lógicas.	<i>Intuitiva</i>	Prefere seguir palpites ou amostras.

Fonte: ANTUNES, 2001, p. 19-20.

Embora cada indivíduo tenha uma “especialidade cerebral” (um hemisfério mais utilizado), a interdependência dos hemisférios no processo cognitivo é indiscutível. De fato, tudo o que realizamos no dia a dia é sempre processado com os dois hemisférios. Se o hemisfério direito, por exemplo, é responsável pela localização espacial, o esquerdo verbaliza as informações (ANTUNES, 2001).

Se, por um lado, a criatividade se processa no hemisfério cerebral direito, a cultura ocidental tem como costume valorizar aquilo que é característico do hemisfério esquerdo (ANTUNES, 2001). Por séculos, ser criativo, sensível ou entusiasta não foi visto como atributo favorável ao sucesso acadêmico. Nas palavras de Antunes:

Muitas vezes essa alternativa que parece fácil não o é: estamos de tal forma subordinados a uma ideia dominante, que nos leva a um fim – pensamento vertical [oposto ao lateral] -, que torna-se necessário recorrer a ajuda externa e a participação da escola e a intervenção do professor em sua geração (ANTUNES, 2003, p. 28).

Nesse mesmo sentido, podemos analisar a concepção de inteligência predominante na educação básica atual: Muitas vezes, restringe-se a noções de inteligência baseadas somente nas capacidades de solução de problemas lógicos e linguísticos. Não se valoriza o corporal, o musical, o artístico, o psíquico (GARDNER, 1995). Leite (2008) nos coloca que, aqueles que tem sua aprendizagem ligada a outras inteligências (diferentes da inteligência lógico-matemática e da linguística) são, muitas vezes, fadados ao fracasso escolar.

A herança desta concepção pode ser remetida ao início do século XX, quando os estudos do psicólogo comportamentalista Alfred Binet trouxeram à tona o teste de QI (quociente de inteligência). Grande sucesso, em especial no recrutamento de soldados para a Primeira Guerra Mundial, este teste para a medida perfeita da inteligência serviu por décadas como instrumento de seleção, avaliação e classificação no sistema escolar (GARDNER, 1995).

Na década de 80, no entanto, os estudos de Howard Gardner propuseram que o teste de QI não mediria a inteligência humana, e sim uma das inteligências humanas: a lógico-matemática. Apesar de seu modesto impacto na área acadêmica nos anos que se seguiram à proposição, esta teoria revolucionaria a forma de se conceber a inteligência: tratava-se de uma “[...] visão pluralista da mente, reconhecendo que as pessoas têm forças cognitivas diferenciadas e estilos cognitivos contrastantes” (GARDNER, 1995, p. 13).

Dessa maneira, Gardner concebia, com base na ciência cognitiva e na neurociência, uma visão multifacetada da inteligência, a qual não seria constituída de um “construto isolado unitário”, mas sim um composto de diversas inteligências distintas “relativamente independentes umas das outras”, embora pudessem “[...] interagir, a fim de produzir o que se considera desempenho inteligente” (RUSSO, 2015, p. 53).

No quadro abaixo, são elucidadas de forma concisa as sete inteligências propostas por Gardner:

QUADRO 2 - Inteligências Múltiplas

Inteligência Linguística	Utilizada para ler, escrever e compreender a palavra falada.
Inteligência Lógico-Matemática	Utilizada para resolver problemas matemáticos e raciocínio lógico.
Inteligência Espacial	Capacidade de manipular o espaço em relação a si próprio e aos objetos.
Inteligência Musical	Capacidade de compreender os símbolos musicais.
Inteligência Cinestésico-corporal	Capacidade de compreender as relações de movimento corporal.
Inteligência Interpessoal	Capacidade de relacionar-se com outras pessoas, compreendendo seu comportamento, razões e emoções.
Inteligência Intrapessoal	Capacidade de compreender e identificar suas próprias emoções e lidar com elas (resolução de problemas)

Fonte: Russo, 2015, p.64-65.

A criatividade e as inteligências múltiplas ancoram nossa discussão na medida em que as trazemos como rotas de acesso da aprendizagem, em uma perspectiva onde o aluno é sujeito de seu aprendizado, colaborando com soluções para seu entorno. Essas soluções, para a Matriz de Referência do ENEM (BRASIL, 2019) precisam envolver o domínio da linguagem, a compreensão de fenômenos, o enfrentamento de situações-problemas, o desenvolvimento da argumentação e a intervenção solidária, respeitando-se os direitos humanos e a diversidade.

MÉTODOS

A metodologia deste trabalho pauta-se na revisão de literatura que aborda temáticas como criatividade, inteligências múltiplas, cidadania global, metodologias ativas na sala de aula. Compreende-se esta abordagem como a evolução do tema a partir de concepções e ideias de diferentes autores acerca do assunto ou uma investigação das perguntas da pesquisa a partir

da bibliografia disponível. Para Lakatos (2001), tratam-se de contribuições culturais ou científicas realizadas no passado sobre um determinado assunto, tema ou problema que possa ser estudado. A pesquisa bibliográfica,

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...] (LAKATOS & MARCONI, 2001, p. 243).

Dentro dos limites de um artigo, este trabalho buscou compilar ideias de autores como ANTUNES (2001 E 2003) e GARDNER (1995), buscando-se apoio em concepções de autores como LAKATOS & MARCONI (2001), LEITE (2008), MORAN (2018), RODARI (1989) e RUSSO (2015).

As competências que nortearam o estudo foram pautadas na Matriz Referência do ENEM, disponível no site do INEP no ano de 2019 (BRASIL, 2019).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compartilhamos aqui da visão de que, na atual conjuntura educacional e mundial, é fundamental estimular uma atitude colaborativa, empreendedora e criativa, onde seja fundamental o contato com “entornos reais”, “problemas concretos da comunidade”, não somente com o fito de conhecê-los, mas também para “procurar contribuir com soluções reais, a partir de processos de empatia, de aproximação, de escuta e de compartilhamento” (MORAN, 2018, p. 8). Em uma aula de matemática, por exemplo, ao invés de decorar fórmulas e aplicá-las, o aluno pode se utilizar da indução, até mesmo intuição, para compreender e concluir as mesmas, chegando à resolução.

Essa maneira de pensar é muitas vezes reprimida pelo atual sistema escolar: por que um aluno, ao admirar um quadro de Salvador Dalí, não pode explorar suas impressões, sensações prévias antes de receber do professor quais são as características da pintura do surrealismo através de respostas prontas?² O Exame Nacional do Ensino Médio, já há alguns anos, traz como referência a importância de “[...] compreender a arte como saber cultural e estético

² Gianni Rodari (1982) também se utiliza do Surrealismo em “A Gramática da Fantasia” para elucidar como o pensamento criativo, muitas vezes, foge às regras ou às técnicas pré-definidas.

gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade” (BRASIL, 2019, p. 3).

No mesmo sentido, caberia questionar: por que um clássico da literatura infantil não pode ser contado de perspectivas diferentes? O mercado editorial explora de forma criativa releituras como a história dos três porquinhos contada pelo Lobo Mau (SVENSKA, 2005), mostrando que o ponto de vista sempre pode ser outro ou que a aprendizagem pode acontecer a partir de uma reflexão daquilo que já é conhecido.

Acreditamos na importância de se desenvolver o espírito crítico, a imaginação e até mesmo a subjetividade - sem deixar de lado os parâmetros que definem aquele conhecimento como empírico. É preciso sentir, viver e experienciar. Conforme, Moran (2018), a aprendizagem está intimamente relacionada à curiosidade despertada no aluno, à motivação e ao significado dado àquele conteúdo. Enfim, aprendizagem, emoção, fantasia, curiosidade e criatividade precisam caminhar juntas.

Percebemos, nesse sentido, que a empatia por parte de quem ensina é fundamental: é preciso aproximação com aquele que aprende, percebendo quais são seus interesses, sua visão de mundo (MORAN, 2014). Na era dos “nativos digitais”, por exemplo, por que não seria possível, em uma atividade de sala de aula, unir História e gamificação? Grandes guerras e revoluções, civilizações antigas (como a egípcia ou a romana), a curiosa cultura medieval são hoje “pratos cheios” para o setor de criação de games digitais. Por que um conteúdo que, à primeira vista, parece ser “denso” e “decoreba” não pode dialogar com a era da tecnologia de forma criativa? Segundo Matriz de Referência do Enem cabe à escola desenvolver a competência de “aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida” (BRASIL, 2019, p. 2).

Nesse sentido, não seria possível despertar no aluno uma metodologia “ativa e híbrida” que adquira significado com seus interesses? Moran (2014, p. 4) conceitua “metodologia ativa” como aquela em que o aluno é protagonista de seu aprendizado, por meio do qual é “induzido” a refletir, comparar, conceituar sob a mediação do professor. Já o “modelo híbrido” é aquele que permite a “[...] flexibilidade, a mistura e compartilhamento de espaços, tempos, atividades, materiais, técnicas e tecnologias que compõe esse processo ativo”.

[...] a aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações mais profundas, quando se engajam em projetos para os quais trazem

contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las. (MORAN, 2018, p. 6)

A Matriz Referência do Enem destaca “compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação” (BRASIL, 2019, p. 3). Nesse sentido, acreditamos que o aluno precisa ampliar seu referencial de mundo e utilizar, de forma simultânea, no seu processo de aprendizagem linguagens diversas como a escrita, sonora, dramática, cinematográfica, corporal, etc.

Além disso, admitimos a grande pluralidade de inteligências dentro de uma sala de aula, não sendo possível mais manter uma única abordagem no processo de ensino aprendizagem, muito menos manter-se na simples transmissão de conteúdos decorados e cobrados em avaliações. Qual seria o sentido em saber que a Revolução Francesa eclodiu no ano de 1789 sem poder discutir e perceber que seus preceitos lançaram a base da política e da economia do mundo atual? Por que não analisar uma música do rock brasileiro, como “Geração Coca-Cola”, e debater por que o autor nos chama de “filhos da revolução”?

Os questionamentos nos levam à reflexão sobre um contexto escolar que, muitas vezes, favorece a padronização, esquecendo-se da peculiaridade dos alunos em cada uma de suas necessidades e de suas inteligências. Nas palavras do autor:

É da máxima importância reconhecer e estimular todas as variadas inteligências humanas e todas as combinações de inteligências. Nós todos somos tão diferentes em grande parte porque possuímos diferentes combinações de inteligências. Se reconhecermos isso, penso que teremos pelo menos uma chance melhor de lidar adequadamente com os muitos problemas que enfrentamos neste mundo. Se pudermos mobilizar o espectro das capacidades humanas, as pessoas não apenas se sentirão melhores em relação a si mesmas e mais competentes; é possível, inclusive, que elas também se sintam mais comprometidas e mais capazes de reunir-se ao restante da comunidade mundial para trabalhar pelo bem comum (GARDNER, 1995, p. 18).

Talvez seja relevante questionar por que o construto de inteligência concebido pelo atual sistema educacional deixa de estimular tantas áreas do conhecimento humano. Na rotina de aulas no Ensino Médio, onde são contemplados os estímulos à inteligência natural, ao contato homem natureza, em um contexto de crise ambiental? Durante horas sentados imóveis (e se possível em silêncio), onde os alunos estão sendo estimulados para as inteligências espacial e físico-cinestésica, em um panorama de crescente sedentarismo entre os jovens? Em um contexto de tantas doenças psíquicas, quando o conteúdo programático está abordando as

inteligências intra e interpessoais? A prática de sala aula precisa estar voltada para o desenvolvimento da aprendizagem em detrimento das abordagens “transmissoras”. Isto não significa dizer que o conteúdo deve ser deixado de lado. O conteúdo é sempre o “pretexto”, o ponto de partida para o desenvolvimento de um conhecimento ou estímulo de uma inteligência (ANTUNES, 2003).

Por exemplo, se um aluno precisa aprender a comparar, o professor pode ajudá-lo a compreender as origens do sistema democrático na antiga Atenas grega e compará-lo à democracia atual, percebendo continuidades, rupturas, influências, podendo opinar de forma crítica e atuar no contexto em que vive. A própria Matriz de Referência do Enem traz a importância de “utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade” (BRASIL: 2019, p. 12).

Acreditamos na necessidade de avaliar em que medida os conteúdos trabalhados em aula permitem a geração das situações-problemas em busca de uma atuação cidadã. Diversificar das mais variadas formas as possibilidades de aprendizagem contemplando as diferentes inteligências é fundamental na execução de um projeto pedagógico (LEITE, 2008).

Enfim, trabalhar criatividade e inteligências múltiplas significa repensar como o conteúdo é trabalhado, como pode ser contextualizado, praticado e analisado à luz do contexto no qual o aluno se insere, em uma perspectiva de envolvimento e contribuição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a criatividade é a capacidade de imaginar, criar, empreender, inovar e ainda, nas palavras de ANTUNES (2003, p. 29) “[...]é o feliz encontro entre a inteligência e a fantasia[...]”, cabe ao modelo escolar não se olvidar de que esta é uma característica humana essencial na sua sobrevivência e atuação no mundo. Cabe pensarmos se as metodologias empregadas valorizam a individualidade cognitiva do sujeito, viabilizando seu aprendizado e contribuindo para que ele desenvolva seu potencial intelectual, atuando em seu entorno.

A criatividade e o prazer em descobrir o diferente tomam um lugar fundamental. Não sendo um atributo valorizado no meio acadêmico atual, a criatividade está longe do controle rígido que permeia as abordagens educacionais do presente. Da mesma maneira, as múltiplas inteligências dos indivíduos acabam adormecidas frente a metodologias que valorizam somente as capacidades linguística e lógico-matemática, em detrimento de inteligências como a musical,

espacial, cinestésico-corporal, natural, intra e interpessoal (ANTUNES, 2003, GARDNER, 1995).

A Matriz de Referência do Enem levanta a importância de utilizar aquilo que se aprende na escola “[...] para elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade [...]” (BRASIL, 2019, p. 1). Nesse sentido, o verdadeiro papel da educação formal brasileira está na formação de sujeitos comprometidos com sua realidade, que buscam frequentemente soluções e alternativas para solucionar as diversas questões que envolvem a vida em sociedade. Criatividade, inteligências múltiplas e a construção da cidadania global são ferramentas que se relacionam intimamente.

É necessário, assim, despertar um perfil reflexivo e criador, adormecido frente a abordagens transmissoras e reprodutoras de um conteúdo, muitas vezes, sem sentido para o aluno.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Como transformar as informações em conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ANTUNES, Celso. **Como identificar em você e em seus alunos as inteligências múltiplas**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ANTUNES, Celso. **O lado direito do cérebro e sua exploração e sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ANTUNES, Celso. **A criatividade na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e autoestima**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Matriz de Referência para o ENEM 2019**. Brasília: INEP/MEC, 2019. Disponível em: http://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf. Acesso em: 5 set. 2021.

DE BONO, Edward. **Criatividade levada a sério: como gerar ideias produtivas através do pensamento lateral**. São Paulo: Pioneira, 1997.

GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente: a Teoria das Inteligências Múltiplas**. [Tradução de Maria Adriano Veríssimo Veronese]. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas**. A Teoria na Prática. [Tradução de Maria Adriano Veríssimo Veronese]. Porto Alegre: Artmed, 1995.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LEITE, Vânia Aparecida Marques. **Dimensões da Não-Aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

GÓMEZ, A. M. S.; TERÁN, N. E. **Dificuldades de Aprendizagem**: Detecção e estratégias de ajuda. [S.l.]: Cultural, 2009.

MORAN, J. (Org). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre : Penso, 2018.

PALFREY E GASSER. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração dos nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. [Tradução de Antonio Negrini; direção da coleção de Fanny Abramovich]. São Paulo: Summus, 1989.

RUSSO, Rita Margarida Toler. **Neuropsicopedagogia clínica**: introdução, conceitos, teoria e prática. Curitiba: Juruá, 2015.

SCIESZKA, Jon. **A Verdadeira História dos Três Porquinhos!/por A. Lobo, tal como foi contada a Jon Scieszka**; ilustrada por Lane Smith; tradução Pedro Maia. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

Páginas da Web

Relato de Howard Gardner, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=V0oqZBkMavQ>